

## OFICINA DO HISTORIADOR

### ENTREVISTA

#### CARLOS ANDRÉ KRAKHECKE

Graduado em História - Licenciatura e Bacharelado - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, da PUCRS (2009). Atualmente é professor do Curso Atlas para preparação de candidatos ao processo seletivo do Instituto Rio Branco. Leciona na rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Sul e é professor do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas no Ensino de História e Geografia do Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG). Possui experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: História em Quadrinhos, Guerra Fria, História Política. Concluiu seu mestrado na PUCRS com a dissertação *Representações da Guerra Fria nas Histórias em Quadrinhos: Batman – o Cavaleiro das Trevas e Watchman (1979-1987)*.

**Oficina do Historiador** – Quando você passou a se interessar por histórias em quadrinhos?

**Carlos André Krakhecke** - Eu comecei a ler quadrinhos quando era “moleque”. Lia a *Turma da Mônica*, *Asterix*, *Tintim*, *Cavaleiros do Zodíaco*. Comprei, por exemplo, toda a coleção do *Asterix*. Quando era adolescente, entrei em contato com quadrinhos de super-heróis, quadrinhos japoneses, europeus e americanos: *Conan*, *Batman – O Cavaleiro das Trevas*; gosto muito também dos trabalhos de Jeph Loeb e de Tim Sables: o *Homem Aranha Azul* [publicado originalmente nos Estados Unidos com o título de *Spider-man*], o *Demolidor Amarelo*. Na época, esses quadrinhos me cativaram bastante. Contudo, eu já havia me formado na PUCRS, na Graduação, quando entrei em contato com *Watchman*.

**Oficina do Historiador** – Quando começou seu interesse em pesquisar quadrinhos?

**Carlos André Krakhecke** - Quando eu terminei o curso de História eu já tinha a ideia de pesquisar com quadrinhos. Tinha assistido a disciplina de Contemporânea que, no caso, era no último semestre, e estudávamos a Guerra Fria. Como eu já havia lido *Batman – O Cavaleiro das Trevas* – terminei de ler a coleção de *Watchman*, e pensei: “aqui dá para fazer um recorte, fazer uma pesquisa”.

Na época, eu incluí também no projeto *V de Vingança*. Eram essas as três histórias que eu queria “amarrar” para fazer a pesquisa dentro do contexto da Guerra Fria. Então, resolvi desenvolver uma monografia. Na época, a professora Maria José Barreras me

orientou. E como eu já tinha planos de entrar no Mestrado, então acelerei a elaboração do texto, terminando, por fim, a monografia. Comecei a montar um projeto de Mestrado, comecei a entrar em contato com os professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Inscrevi o projeto, que acabou sendo selecionado.

**Oficina do Historiador** – Por que você retirou do projeto o *V de Vingança*?

**Carlos André Krakhecke** - porque o *V de Vingança* seria muito complicado de trabalhar. Porque esse quadrinho teve um lançamento. A série de lançamento dele foi interrompida, e retornou inúmeras vezes, e eu não iria conseguir fazer a relação com sua época de lançamento. Em verdade, não estava muito clara qual era a época de lançamento daquelas histórias.

**Oficina do Historiador** - Foi difícil conseguir aceitação acadêmica no início do trabalho?

**Carlos André Krakhecke** - Olha, com alguns. Por exemplo, com a professora Maria José, não. Com os professores, não. Mas, por outro lado, o tema ficava meio motivo de piada entre os colegas. O pessoal falava: “era o cara que pesquisa com gibi”, coisas assim. Mas dentro do curso de História, com os professores, não. Logo de início, eles já viram o trabalho de uma forma muito positiva, foi muito bem visto. Com os outros orientandos é que era meio difícil explicar o projeto. Principalmente quando eu tentava apresentar o trabalho; então tentava criar uns títulos bem pomposos para o

trabalho. O título, inicialmente, tinha umas quatro linhas; a ideia era tornar tudo muito claro, para que o estudo não fosse visto como “coisa de gente doida”. Mas entre os professores foi bem aceito. Foi mais difícil conseguir defender e demonstrar como essa fonte seria utilizada; isso foi mais difícil – não que não tivesse aceitação, mas houve um pouco de receio sobre como se trabalhar com este tipo de fonte.

**Oficina do Historiador** – Os historiadores costumam trabalhar os quadrinhos como fonte de pesquisa?

**Carlos André Krakhecke** - Geralmente as pesquisas relacionadas aos quadrinhos são desenvolvidas a partir de outras áreas do conhecimento, que tentam olhar a história ela por ela mesma. Esse é o grande erro – acho que esse é o erro fatal, principalmente em uma análise histórica: é aceitar o discurso da fonte. Esse é um erro no qual o historiador não pode “cair”. Ele não pode simplesmente analisar o discurso da fonte por ela mesma. Acho que este é o maior erro da pesquisa com quadrinhos. Não que elas escrevam a história como ela é, mas as histórias em quadrinhos vivem revisando a sua própria história. Há uma série de histórias mostrando o histórico de um personagem. Por exemplo, a história do *Super Homem*: começou de tal jeito, em tal revista, em 1939, etc. Daí, a partir de determinado período, alguns aspectos relacionados ao personagem sofreram mudanças e se acabou por reescrever a história do personagem; já, na década de 70, foi novamente alterada, e se reescreveu, de novo, a história do personagem. E, muitas vezes, essa história que se reescreve nas

próprias histórias em quadrinhos se aceita como a história das histórias em quadrinhos a partir de então. Para mim, é um dos erros mais banais que o pesquisador pode cometer, pois os quadrinhos não falam por si mesmos.

**Oficina do Historiador** – Quais são as dificuldades ao se trabalhar com quadrinhos?

**Carlos André Krakhecke** - A maior dificuldade para desenvolver meu trabalho foi a carência de bibliografia específica sobre o assunto, ou seja, a escassez de fontes secundárias. Outra dificuldade em se trabalhar com quadrinhos é a necessidade de se reunir uma coleção razoavelmente extensa, pois não adianta vir com um número de *gibi* e falar: “daqui vai sair uma tese doutoral!” Por outro lado, é mais fácil comprar quadrinhos que ainda são editados, isto é, comercializados nas livrarias. O problema, reitero, é encontrar fonte secundária. Tu tens que “garimpar” mesmo; às vezes, tu pegas todo um livro e retiras dele apenas uma citação. Por exemplo, *A Guerra dos Gibis*, do Gonçalo Júnior. Ele discorre sobre o surgimento editorial dos quadrinhos no Brasil. O autor fez uma série de entrevistas com o Roberto Marinho e com o editor Adolfo Eisen, que foram os pioneiros, os primeiros a trazer os quadrinhos para o Brasil. Assim sendo, o jornalista Gonçalo Júnior fez uma série de entrevistas; escreveu um livro baseado nessas entrevistas, só que ele não mostra a fonte de informação. Em outras palavras, sua obra carece de cientificidade. Por outro lado, outra obra do mesmo autor, intitulada *Comic Code Authority*, por exemplo, está bem escrita e deu para utilizá-la na

dissertação. No mais, é possível trabalhar com quadrinhos, só que dá trabalho, tem que “correr atrás”.

**Oficina do Historiador** – O que um historiador deve ter em mente ao trabalhar com quadrinhos?

**Carlos André Krakhecke** - Acho que vai depender do objeto de análise. Eu trabalhei com história política, a partir de um contexto político. É claro a primeira coisa que as pessoas pensam é: “quadrinho não é história política”. No fundo, o objeto central do meu trabalho, o tema principal, foi a Guerra Fria. Então, tu tens que tentar delimitar bem o teu objeto de pesquisa. Isto vale para qualquer investigação. Outro detalhe: tu não podes partir da seguinte premissa: “porque vendeu, é bom”; ‘Só por que vendeu, o quadrinho é bom’. Tem muito quadrinho que vendeu pouco, mas tem qualidade e possibilidades de investigação. Por exemplo, os quadrinhos brasileiros de horror da década de 60 e 70 – são bons e não venderam-, não têm reedição. Não dá para partir dessa premissa do “vendeu muito é bom”, porque é uma premissa muito rasa. Tu tens que tentar investigar um pouco a história dos quadrinhos e tentar ver por que ele se destaca, por outros motivos que não só o critério do mercado editorial. Se tu quiseres pegar toda uma série, por exemplo, todo o *Homem de Ferro* da década de 80, claro, tu não precisas falar “esse número se destacou”, tu vais te deparar com uma rica e larga fonte documental, e encontrar muitas possibilidades de pesquisa.

Gostaria de acrescentar que há muitas possibilidades de pesquisa com relação

aos quadrinhos. Por outro lado, está longe dos quadrinhos se firmarem como objeto de estudo, pois, no Brasil, ficou muito complicado trabalhar com essa fonte. O quadrinho, de uns anos para cá, ficou muito caro. Hoje em dia não são publicados quadrinhos em papel jornal, não existem mais. Hoje quadrinho é capa dura, feito em papel especial, com preços exorbitantes. E isso acabou levando os quadrinhos usados também a se valorizarem.

**Oficina do Historiador** – Você pretende seguir pesquisando com quadrinhos? Você poderia falar sobre seus projetos de pesquisa?

**Carlos André Krakhecke** -

Continuo lendo quadrinhos. Espero continuar trabalhando com o tema, mas estou buscando outras possibilidades que não só autores de super heróis da década de 80. Estou tentando voltar um pouco mais para trás, ter acesso também a outro tipo de fonte. Estou experimentando mesmo. Estou tentando divulgar minha pesquisa em simpósios, etc., para ver o que outras pessoas vão falar. Não adianta só os três professores avaliadores da banca de Mestrado terem dado seus pareceres. Estou tentando divulgar um pouco o trabalho, tentando dialogar com outros autores. Mas quero continuar pesquisando a Guerra Fria através dos quadrinhos, assim como pesquisar sobre os quadrinhos brasileiros. O problema é encontrar fontes. Penso em reunir alguns colecionadores, que não se importam em ceder algum material para pesquisa, ou que permitam a digitalização de algumas obras, pois não existe um arquivo histórico de

quadrinhos. Insisto: não adianta ter uma boa idéia, pensando em quadrinhos, tu tens que ter acesso à fonte. Algumas vezes, tu sabes que da existência da fonte, só que não sabes onde encontrá-la. Esse é o problema: encontrar a fonte é o grande desafio!

